



Foto: CPB

# Vôlei Sentado



MINISTÉRIO DO  
ESPORTE



## Entenda

Praticado por jogadores com deficiências locomotoras, o vôlei sentado é um esporte coletivo, seguindo características do mesmo. Ele é jogado por duas equipes, compostas por seis jogadores. Cada uma ocupa um lado da quadra e esta é dividida por uma rede no centro da área de jogo, assim como no vôlei clássico. A quadra mede 10m x 6m e a rede no centro da quadra se localiza a 1.15m do chão para os homens, e 1.05m para mulheres, e sua medida é de 6.50 a 7.00m de comprimento e largura de 80 cm. Não é permitido em nenhum momento do jogo fazer contato com a bola sem estar sentado, pois o posicionamento dentro da quadra é determinado pela posição do glúteo do jogador. A disputa entre os dois times terá início com o movimento de saque, executado por uma das equipes. Este saque deve ser feito de fora da área da quadra e o jogador não deve tocar a linha de fundo com os glúteos. Fato interessante no vôlei sentado: é permitido bloquear o saque, diferente do vôlei clássico, no qual esta ação não é permitida. O ponto ocorre principalmente quando a bola atinge a quadra do time adversário. A primeira equipe a fazer 25 pontos vence o *set* e em caso de empate de *sets*, é necessário fazer 15 pontos no último *set*, o *tie-break*. Assim como em outras modalidades para jogadores com alguma deficiência física, existe um sistema de classificação, de acordo com a deficiência do atleta. No vôlei sentado essa classificação é feita de duas formas: amputados e *les autres* (“os outros”). No caso dos amputados, a classificação é entre Classe A1 e Classe A9, cada classe constituindo um tipo de amputação, sendo ela dupla ou simples de membros inferiores ou superiores, com comprometimento maior ou menor de cada membro. A classificação *les autres* é aquela na qual as pessoas com alguma deficiência locomotora são enquadradas, como, por exemplo, limitações provenientes de alguma lesão cerebral, paralisia cerebral, acidente vascular cerebral ou lesão na medula espinhal.

## Sentado, mas veloz

A Segunda Guerra Mundial foi responsável pela destruição social e econômica do continente europeu, por uma nova ordem global caracterizada pela bipolaridade Estados Unidos da América (EUA) X União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e, ainda, por inúmeras perdas humanas. Baixas decorrentes da morte de soldados e civis e pela mutilação de outros tantos – tendo em vista que não existia, até então, um programa específico para inclusão de pessoas com deficiência.

Como o esporte, já nessa época, era considerado importante ao desenvolvimento do indivíduo, gerando bem-estar e qualidade de vida, alguns países começaram a pensar em novas possibilidades para que os ex-combatentes e os civis feridos em fase de recuperação/adaptação pudessem continuar a prática de atividades físicas e serem beneficiados por elas.

O propósito da proposta diferira, ao menos inicialmente, quanto a seus objetivos. Na Inglaterra, por exemplo, a ideia predominante era a de reabilitação. Já nos Estados Unidos da América (EUA) visava-se uma prática esportiva para a divulgação dos problemas enfrentados pelos deficientes, bem como de suas capacidades e limitações, alertando a sociedade civil para a necessidade de adaptações.

Praticamente nenhuma região europeia manteve-se ausente no conflito. Mesmo a Holanda, que embora não estivesse diretamente envolvida, foi, em maio de 1940, invadida pelos alemães. Tal país não possuía um exército forte e nem armas suficientes, por isso rendeu-se rapidamente, mas seu exército sofreu consequências drásticas. Talvez por causa de suas perdas a Holanda tenha sido responsável, em 1956, pela criação do voleibol sentado.

Junção dos esportes voleibol e *sitzball* (esporte alemão no qual o praticante jogava uma bola sentado no chão).

Abaixo um vídeo demonstrativo da modalidade:



Sitzball

<https://www.youtube.com/watch?v=STTTShQwLSQ&feature=youtu.be>

Mesmo para portadores de deficiências nos membros inferiores, o *sitzball* era considerado muito passivo e, por isso, pensou-se na adaptação e sistematização de uma prática mais ágil. Como resultado, incluiu-se uma rede separando as duas equipes. As regras dessa nova modalidade basearam-se nas regras da *Fédération Internationale de Volleyball* (FIVB).

A partir de 1967 iniciaram-se as competições internacionais. Em 1976, na Paralimpíada de Toronto, houve uma exibição da nova modalidade. Mas apenas em 1978 esta foi reconhecida pela Organização Mundial de Esportes para Deficientes (ISOD). Seguido a isto, em 1979, ocorreu o primeiro torneio internacional com a chancela da ISOD, na cidade holandesa de Harlem. Finalmente, em 1980, os atletas de sete países puderam participar das Paralimpíadas, em Arnhem na Holanda.

Até o evento paralímpico de Sydney (2000) jogava-se ou o voleibol em pé ou a modalidade sentado. Ainda por cima, apenas na categoria masculina. A partir de 2004, em Atenas, além da eliminação da variação em pé, incluiu-se a categoria feminina, representada por seis seleções.

Tal inclusão tardia das mulheres é comum no meio esportivo. Isto porque a maioria dos esportes esteve e ainda está associada a atributos considerados masculinos, como a força, resistência, definição muscular, entre outros. Embora essas características sejam também inatas nas mulheres.

Já na Revolução Francesa as feministas lutavam por igualdade entre os gêneros. Porém, o tal movimento demorou a ser aceito e, até hoje, é interpretado de diferentes maneiras, o que gera inúmeras confusões.

Ao se falar especificamente do âmbito esportivo, foi apenas em maio de 1994 que se realizou uma conferência a fim de discutir a presença da mulher no esporte. Foi a Conferência Mundial sobre a Mulher e o Esporte, realizada em Brighton, Inglaterra. Este evento procurou reforçar na cultura esportiva a ideia de que a mulher deve ter oportunidades e ser valorizada nesse meio. A partir deste fato histórico tardio, percebe-se o porquê da entrada tardia das mulheres na modalidade do voleibol sentado, mesmo sendo um paradoxo lutar pela inclusão de um grupo e excluir outro.

Em relação ao desenvolvimento do paradesporto em questão, desde seu início até os dias atuais, este está adquirindo mais adeptos. Já são mais de 10 mil atletas em aproximadamente meia centena de

países que praticam a modalidade. E a tendência é que esse número aumente porque a mídia funciona como ferramenta de divulgação e promoção dos esportes e paradesportes, tornando-os cada vez mais populares.

### **Trajatória Paralímpica**

No ano de 1976, segundo dados do *International Olympic Committee* (COI), a Paralimpíada não foi realizada em Montreal, cidade sede da vigésima primeira edição das Olimpíadas. A justificativa foi a falta de estrutura para acomodar os paratletas e, por isso, o evento ocorreu em Toronto, também no Canadá. Nesse ano o vôlei sentado apareceu como esporte exibição nas Paralimpíadas. Quatro anos depois, em 1980, a sua introdução foi finalmente oficializada nos Jogos Paralímpicos, realizado na cidade holandesa Arnhem. Os motivos para não realização em Moscou, cidade sede dos Jogos Olímpicos, não foram expostos, mas há um indício de que foi à revelia dos soviéticos: a sua delegação boicotou o evento em Arnhem. O torneio de vôlei, dividido em duas categorias – sentada e em pé – foi prestigiado por sete seleções: Holanda, Iugoslávia, Noruega, Suécia, Finlândia, Egito e Luxemburgo. O ouro foi conquistado pelos atletas da casa, a Holanda, a Suécia obteve a prata e o bronze ficou com a já extinta Iugoslávia. Esse foi um momento de reconhecimento para o vôlei adaptado, pois foi considerada uma das modalidades que mais assegurava igualdade e respeito pelas individualidades e limitações dos atletas nas competições. Em 1984 a Paralimpíada aconteceu em Stoke Mandeville, Inglaterra, e novamente a Holanda conquistou a primeira colocação, ficando a Alemanha Ocidental (conhecida na época como a antiga República Federal da Alemanha) com a segunda colocação e a terceira com a Suécia. O ouro foi, surpreendentemente, conquistado pelo Irã em 1988, na edição de Seul, a Holanda caiu para o segundo lugar e o terceiro ficou com a Noruega. Novamente o Irã obteve o ouro, Holanda ficou com a prata e o bronze com a Alemanha, na Paralimpíada de Barcelona (1992). A seleção iraniana ganha o ouro pela terceira vez, seguida por Noruega e Finlândia, com a prata e o bronze, respectivamente, em Atlanta (1996).

Nas Paralimpíadas em Sydney (2000), o vôlei sentado ainda dividia as atenções com o vôlei em pé. Consecutivamente, o Irã conquista a primeira posição, a Bosnia-Herzegovina a prata e o bronze foi para a Finlândia. Somente no ano de 2004, nas Paralimpíadas de Atenas que o *International Paralympic Committee* (IPC) decidiu consolidar a categoria sentado como única. A Bosnia-Herzegovina ficou com o ouro nessa edição, o Irã com a prata e o Egito com o bronze. O destaque nesse evento foi a introdução da participação feminina, estreando com a vitória da China, prata para a Holanda e bronze para os EUA. Nas Paralimpíadas de Pequim, em 2008, ocorreu a primeira participação brasileira somente na categoria masculina, cujo desempenho foi intermediário. O destaque foi para o Irã com o ouro, a Bosnia-Herzegovina com a prata e a Rússia com o bronze. Já o quadro de medalhas de seleções femininas foi: China, em seguida EUA e Holanda. Em Londres (2012) o ouro foi para Bosnia-Herzegovina, Irã obteve a prata e Alemanha ficou com o bronze, no masculino. Novamente na categoria feminina a China conquistou o ouro, deixando a prata para os EUA e bronze para a Ucrânia.

### **Fez História**

O voleibol é reconhecidamente uma modalidade organizada e aberta a alterações de regras, visando a espetacularização. O desenvolvimento desta modalidade no âmbito do esporte adaptado não foge à máxima: hoje é considerada uma das modalidades que mais desperta o interesse de todas as pessoas com deficiência que não tiveram acesso ainda ao esporte e que procuram uma melhora na qualidade de vida e sociabilidade. A Holanda foi o país precursor do vôlei paralímpico sentado, pois, além de ser responsável pela criação do esporte, impulsionou seu desenvolvimento, participando fielmente dos grandes campeonatos. Não é estranho, então, que tenha figurado no pódio das Paralimpíadas por vários anos consecutivos: 1980, ouro, Arnhem; 1984, ouro, Stoke Mandeville; 1988, prata, Seul; 1992, prata, Barcelona. Ressalta-se que a seleção holandesa é uma das poucas que consegue bons patrocínios e maior atratividade social no seu país, e assim, conseqüentemente, obtêm boas condições de treinamento, qualificação profissional e tecnologia direcionada ao esporte.

## Potência Paralímpica

A seleção masculina iraniana esteve presente no pódio nas últimas edições dos Jogos Paralímpicos, impondo respeito nas demais seleções. Segundo os dados da pesquisa publicada no site *worldparavolley*, embasado nos últimos campeonatos internacionais, os iranianos são favoritos ao ouro na Paralimpíadas do Rio 2016. O mesmo site aponta que no feminino o ouro tem grande chance de ser obtido pela seleção chinesa, a vencedora da primeira edição feminina das Paralimpíadas, em Sydney (2000).

### De olho neles



Paratleta Jamoi Anderson. Disponível em:  
<<http://paralympic.ca/sites/default/files/athletes/jamoi-anderson.png>>

Jamoi Anderson, nascido em Toronto, é jogador da seleção canadense de vôlei sentado. Antes da amputação da perna esquerda abaixo do joelho, por consequência de uma infecção viral, o atleta que mede 1,81m, jogava basquete e sempre foi um amante do esporte. Em 2008, após tal fatalidade, Anderson conheceu o vôlei sentado. Inicialmente cético em relação ao jogo, não demorou muito para que o jovem começasse a se destacar. Sendo um dos principais jogadores do Canadá, o atleta foi bronze (2015 – Toronto Parapan-Americano e em 2016 estará no Rio de Janeiro com todo o elenco que compõe a forte seleção canadense.

Representando os EUA, Kathryn Holloway tem uma trajetória espetacular no esporte. Nascida em 1986, na cidade de Lake Stevens, Washington, teve o seu pé e tornozelo direitos amputados ainda bebê. Superando esta perda, Kathryn descobriu na escola a sua vocação para o esporte; inicialmente no basquete, no qual foi a primeira mulher a competir com uma prótese na história da *NCAA Division I* (principal liga universitária de basquete). Depois de alguns anos, começou a se interessar pelo vôlei sentado, fato que mudou a sua vida para sempre. Holloway é, sem dúvidas, uma das paratletas mais bem sucedida da modalidade, acumulando diversos títulos, como: duas vezes medalhista paralímpica (Pequim - 2008 e Londres - 2012), vice-campeã do mundo na Polônia em 2014, dentre outros títulos menos importantes. Em 2016 no Rio de Janeiro a seleção feminina dos EUA espera contar com o brilhantismo da Holloway na luta pelo título.



Paratleta Kathryn Holloway. Disponível em:  
<<https://mobile.twitter.com/ksholloway>>

### Porque no Brasil se pensou em inclusão

Para os sociólogos Norbert Elias e John Scotson a coesão relaciona-se com a possibilidade de um grupo não ser estigmatizado por outro. É uma forma de grupos coexistirem com maior equilíbrio de poder. Sabe-se que os esportes promovem tal coesão grupal. Principalmente os coletivos nos quais há uma necessidade tanto em confiar quanto em dar suporte aos companheiros de equipe para o sucesso da mesma.

Como as pessoas com deficiência frequentemente são estigmatizadas na sociedade, elas também sofrem um processo de exclusão social pelos grupos dominantes. Por isto, torna-se necessária à sua reinserção ou inclusão, pois esta possibilitará, dentre outros fatores: qualidade de vida e desenvolvimento humano.



Seleção brasileira feminina do Parapan-Americano de Toronto, 2015.  
<<http://globoesporte.globo.com/parapan/noticia/2015/08/tecnico-da-superliga-spencer-lee-agrega-experiencia-ao-volei-sentado.html>>

Além da própria coesão de grupo, o esporte também é capaz de gerar os dois fatores citados. A partir desta ideia foi iniciada a prática do voleibol sentado no Brasil, tendo, como precursor e incentivador o Professor Ronaldo Gonçalves de Oliveira, em 2002. Como consequência, em 07 de abril de 2003, ocorreu a criação da Associação Brasileira de Voleibol Paralímpico, fundada por João Batista Carvalho e Silva. Esta já filiada à Organização Mundial de Voleibol para Deficientes (WODV) e ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).

Ainda em 2003, aconteceu o I Campeonato Brasileiro de Voleibol Paralímpico, em Mogi das Cruzes, São Paulo. Inclusive, teve a participação do representante da WODV das Américas, Mike Migdessian. No evento participaram 6 equipes, das quais 15 atletas foram selecionados para compor a seleção nacional masculina.

Nesse mesmo ano ocorreram os jogos Parapan Americanos em Mar del Plata, na Argentina. As seleções brasileiras masculina e feminina fizeram suas primeiras aparições internacionais. Como resultado, os rapazes obtiveram a medalha de prata.

Em 2008 houve a primeira participação brasileira nas Paralimpíadas. Nesta ocasião, em Pequim, apenas a seleção masculina participou. Mas em 2012, em Londres, ambas as equipes representaram o país.

Também em 2012, foi realizada a troca do nome da Associação Brasileira de Voleibol Paralímpico para Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes. Tal feito ocorreu porque foi determinado que o uso do termo “paralímpico” seria restrito ao Comitê Paralímpico Brasileiro.



Seleção brasileira masculina do Parapan-Americano de Toronto, 2015.  
Disponível em: <<http://pan.uol.com.br/noticias/2015/08/09/irmao-de-ze-roberto-tira-dinheiro-do-bolso-para-ser-treinador-no-parapan.htm>>

Embora parte de uma história ainda breve, o voleibol sentado brasileiro tem conquistado títulos importantes. No último Parapan Americano, realizado em Toronto (2015), por exemplo, ambas as seleções conquistaram lugares no pódio, disputando com equipes já consagradas, como os EUA e o Canadá. A equipe masculina ficou com o ouro e a feminina, com a prata.

Dentre as características dessa prática esportiva que atraem tantos participantes estão a integração e a sociabilização. É uma ótima maneira para promover a inclusão social conforme proposto por seu idealizador, Ronaldo de Oliveira. Espera-se que o seu aguardado sucesso durante o evento do Rio 2016 permita maior visibilidade às modalidades de paradesporto menos conhecidas.

### **Nosso destaque**

Eleito o melhor jogador do mundo em 2014, o levantador Renato de Oliveira Leite é o principal destaque do esporte no Brasil. Colecionando muitas vitórias na modalidade, a sua principal conquista defendendo a seleção brasileira foi a medalha de prata no Mundial que ocorreu na Polônia, em 2014. Também formado em Educação Física e pós-graduado em Atividade Física Adaptada, Renato Leite é comprometido com o movimento paralímpico dentro e fora das quadras. O jogador conheceu o esporte



Paratleta Renato de Oliveira.  
Disponível em: <[http://www.vias-seguras.com/layout/set/print/os\\_acidentes/as\\_vitimas\\_de\\_acidentes\\_de\\_transito/possibilidades\\_de\\_reinsercao\\_das\\_vitimas\\_de\\_acidentes\\_de\\_transito/a\\_forca\\_da\\_vontade](http://www.vias-seguras.com/layout/set/print/os_acidentes/as_vitimas_de_acidentes_de_transito/possibilidades_de_reinsercao_das_vitimas_de_acidentes_de_transito/a_forca_da_vontade)>

após um acidente de moto, episódio que também ocorreu com a grande maioria dos seus colegas da seleção brasileira de vôlei sentado. Quando sofreu o acidente que resultou na amputação da sua perna direita, Renato tinha 20 anos e trabalhava como moto boy. Desde pequeno adorava esporte, principalmente o futebol, chegando a fazer testes em alguns clubes, sonhando em ser atleta profissional. Desejo este que o próprio Renato acreditava ter acabado após o acidente, até conhecer o vôlei sentado, atividade que o fez reviver o sonho e lhe proporcionou um novo horizonte e futuro no esporte.

Nascida em Varginha (MG), Janaína Petit iniciou no vôlei com 14 anos, chegando a ser convocada para as seleções brasileiras infantil e juvenil. Tudo indicava para uma promissora carreira no esporte: mudou-se para São Paulo para treinar e representar o Esporte Clube Pinheiros, quando, aos 17 anos, teve os seus planos interrompidos, pois, ao atravessar uma avenida, foi atropelada por um ônibus, o que gerou em um sério problema

vascular e um grande comprometimento de suas pernas. Janaína teve dificuldades para enfrentar essa adversidade. Após anos de tentativas de recuperação, a atleta voltou às quadras, jogando por alguns clubes de São Paulo, mas as suas pernas já debilitadas pelo acidente não suportaram o esforço e a jogadora teve uma ruptura nos ligamentos do joelho. Janaína então decidiu abandonar o vôlei. Voltou para a sua cidade natal, casou-se e resolveu trabalhar na área de edificações; pretendia também cursar a faculdade de Engenharia Civil. Após vários

convites e muita resistência, Janaína aceitou a proposta de um representante do clube de Suzano, localizado no interior de São Paulo, para conhecer o esporte adaptado. Após poucos dias, ela já estava disputando o Campeonato Brasileiro e nunca mais abandonou a modalidade. Após a experiência em Suzano, foi contratada pela equipe do Serviço Social da Indústria (SESI); e, em pouco tempo, estava na seleção brasileira. Hoje, como capitã da seleção, Janaína é um dos grandes destaques, tanto que já foi eleita a melhor atleta do ano na modalidade, no país. A jogadora, além de um grande exemplo de superação, é uma promessa para as Paralimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro.



Paratleta Janaína Petit. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2013/08/melhor-atleta-de-volei-sentado-jana-petit-se-realiza-no-esporte-adaptado.html>>

## **Para saber mais**

AZEVEDO, P.H., BARROS, J.F.; O nível de participação do Estado na gestão do esporte brasileiro como fator de inclusão social de pessoas portadoras de deficiência. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**. V. 12, n.1, p.77-84, jan.\mar. 2004. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewArticle/546>>

## **BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION**

<<http://paralympics.org.uk/paralympicsports/sitting-volleyball>>

CARVALHO, C. L.; **Voleibol sentado: do conhecimento à iniciação à prática**. 74 p, Monografia (Bacharelado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010. Disponível em: <[www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000807526](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000807526)>

## **COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO**

<<http://www.cpb.org.br/>>

## **CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL PARA DEFICIENTES**

<<http://www.abvp.com.br/secao?id=8>>

MELLO, M.C.; WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

FRANÇA, I.S.X.; PAGLIUCA, L.M.F.; Inclusão social da pessoa com deficiência: conquistas, desafios e implicações para a enfermagem. **Rev Esc Enferm USP**. 2009, 43 (1): 178-85. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342009000100023](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000100023)>. Acesso em: 21\10\2015.

## **FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE DESPORTO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

<<http://www.fpdd.org/pt/voleibol>>

## **INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE**

<<http://www.paralympic.org/>>

## **PARAVOLLEY ASIA OCEANIA**

<<http://www.paravolley.org/>>

SOUZA, R. M. E.C.; **Atletas paraolímpicas: figurações e sociedade contemporânea**. 259p, Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls00034098>>

VALKOVA, H; PROTIC, M. Psychosocial aspects of player's engagement to the sitting volleyball. **Acta Kinesiologica**. 5 (2011) 2: 12-16. Disponível em: <<http://www.actakin.com/PDFS/BR0502/SVEE/04%20CL%2002%20MP.pdf>>. Acesso em: 21\10\2015

## **VOLLEYSIDE.NET**

<<http://www.volleyside.net/>>

WIECZOREK, J. *et al*. Physical activity and injuries and overstraining syndromes in sitting volleyball players. **Studies in physical culture and tourism**. Vol. 14, Supplement 2007. Disponível em: <<http://connection.ebscohost.com/c/articles/29964163/physical-activity-injuries-overstraining-syndromes-sitting-volleyball-players>>



**WORLD PARAVOLLEY**

<http://www.worldparavolley.org/>